

DF - Brasília

# UMA CIDADE DOIS TEMPOS



1958

Thomaz Farkas

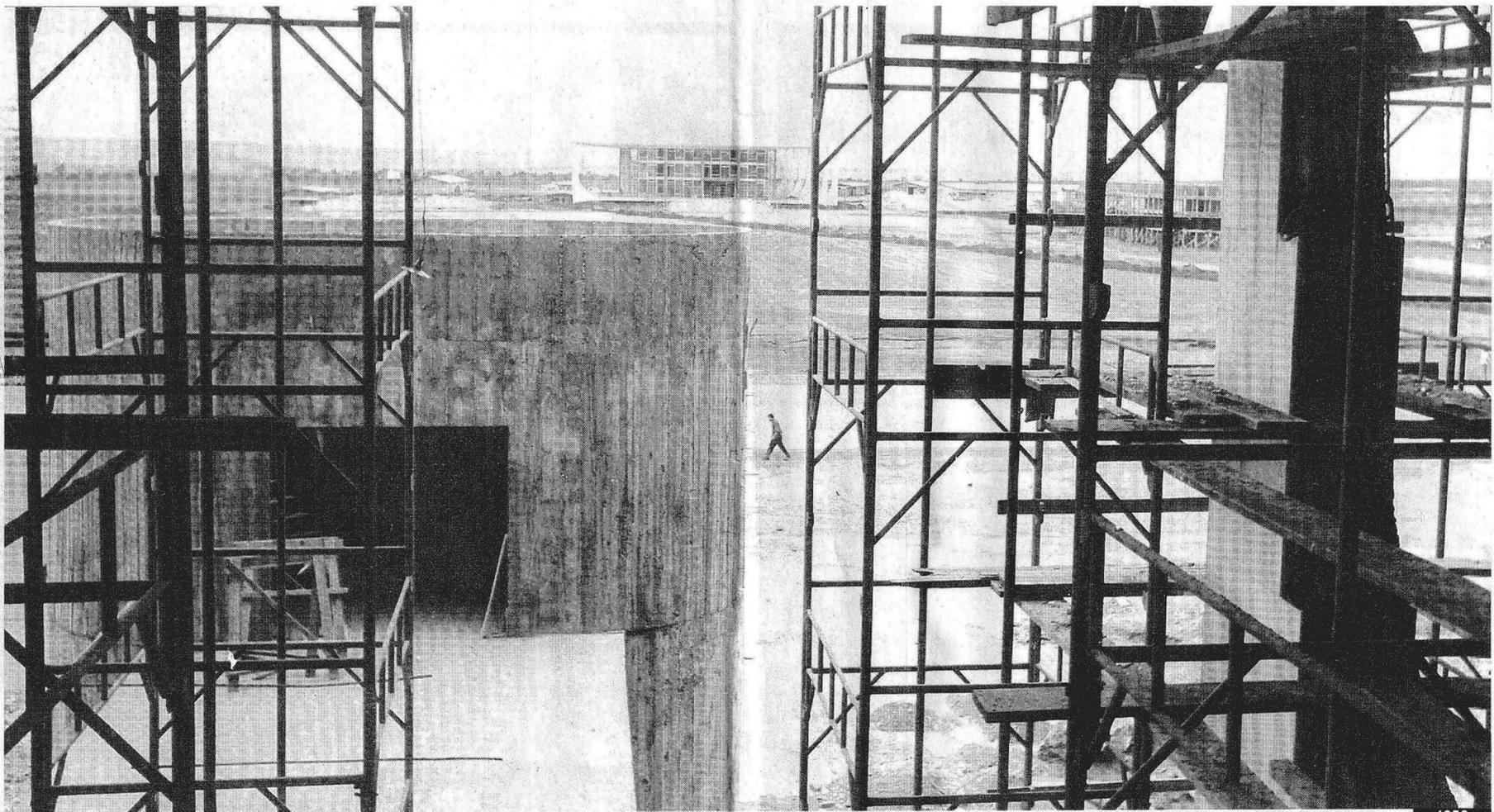


2000

UM DOS MAIORES NOMES DA FOTOGRAFIA NO BRASIL, THOMAZ FARKAS REGISTROU O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL. A CONVITE DO *CORREIO*, ELE VOLTA A BRASÍLIA E DESCOBRE UMA CIDADE CHEIA DE SURPRESAS, CONTRADIÇÕES E SEMELHANÇAS COM AQUELA QUE FOI INAUGURADA HÁ 40 ANOS

A RELAÇÃO DESPROPORCIONAL DO HOMEM COM AS FORMAS MONUMENTAIS DA CAPITAL FOI O PRIMEIRO ALVO DAS LENTES DO FOTÓGRAFO, AINDA DURANTE A CONSTRUÇÃO.

# TERRA DE GIGANTES



1958



1998



1998

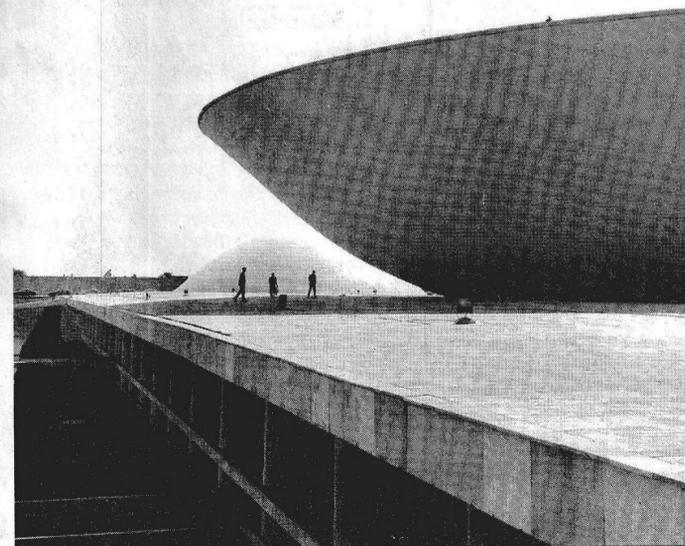
## QUEM É FARKAS

Nascido na Hungria em 1926, Thomaz Farkas veio com a família para o Brasil quando tinha 5 anos de idade. Filho de Desiderio Farkas, fundador da Fotoptica, Thomas formou-se em Engenharia Mecânica e Elétrica pela Universidade de São Paulo (USP), em meados dos anos 40. Mas sua maior paixão, porém, sempre foi a imagem. Além das milhares de fotos do arquivo pessoal, Thomaz produziu mais de 30 filmes documentários

de curta e média metragem entre 1964 e 1980. É presidente do conselho da Cinemateca Brasileira. Também foi professor universitário de foto e cinejornalismo na Escola de Comunicação e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo. Em 1997, lançou o livro *Thomaz Farkas, Fotógrafo* (DBA/Melhoramentos), que mostra a impressão de Farkas sobre o Brasil das décadas de 40, 50 e 60. Entre as 80 imagens selecionadas, estão registros da construção e da inauguração de Brasília. Admirado



1998



1998

por fotógrafos de várias gerações, Thomaz Farkas é considerado um dos nomes mais importantes no desenvolvimento da fotografia brasileira nas últimas décadas.

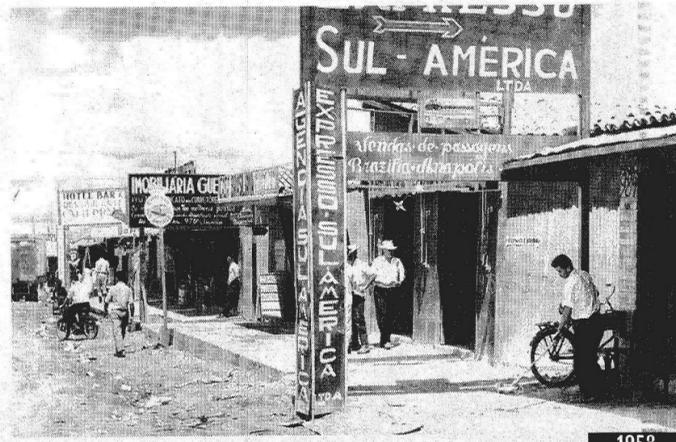
# A ESSÊNCIA DO FOCO



1958



1958



1958



1958



1958

TT Catalão  
Da equipe do *Correio*

**O** cineasta Vladimir Carvalho conta que estar com Thomas Farkas em algum Congresso ou encontro de debates é garantia de receber, alguns meses depois, um pequeno envelope com registros dos momentos mais simples do cotidiano vivido em comum na viagem. "É o verdadeiro lambe-lambe da alma". Fotos banais, amorosas, íntimas e não menos profundas e belas enquanto enfoque. Os que convivem com ele percebem essa grandiosidade humana de saber olhar pequenos momentos e

revesti-los de história e significado consciente. O percurso de Thomas sobre a cidade não tem a angústia documental para relatar o "o novo pela novidade". A diferença entre o permanente e o efêmero. Neste aspecto Farkas demonstra sua coerência primorosa sobre o social. Sem pieguice salvadora ou esquerdismo de festim. Ainda é Vladimir quem diz: "a paixão de Farkas pelo povo não é só estética ou ideológica, é genética!". Assim se revela a viagem de Farkas no tempo sobre Brasília. Se alguém perceber que nada mudou entre 1958 e 2000 será pelo ponto de vista do como o povo vive hoje. A leitura talvez seja: nada muda quando as

aparências adquirem cascas de "modernidade" mas a essência continua intacta. Farkas revisitou o mesmo conflito tenso que oprime as pessoas simples, mas não castra o lirismo, o repouso, a sensação de plenitude mesmo na pobreza. Mudaram governos, ditaduras, aparatos repressivos, Planos econômicos, moedas, discursos, marketing, embalagens mas há uma coerência íntegra em Farkas que não o provoca ao monumental ou ao supérfluo do que passa. Ele quer a alma, a medula do modelo, a raiz. Ele não se assusta com movimentos pois sabe que é o eixo fixo, centrado, calmo, generoso que permite a roda girar.



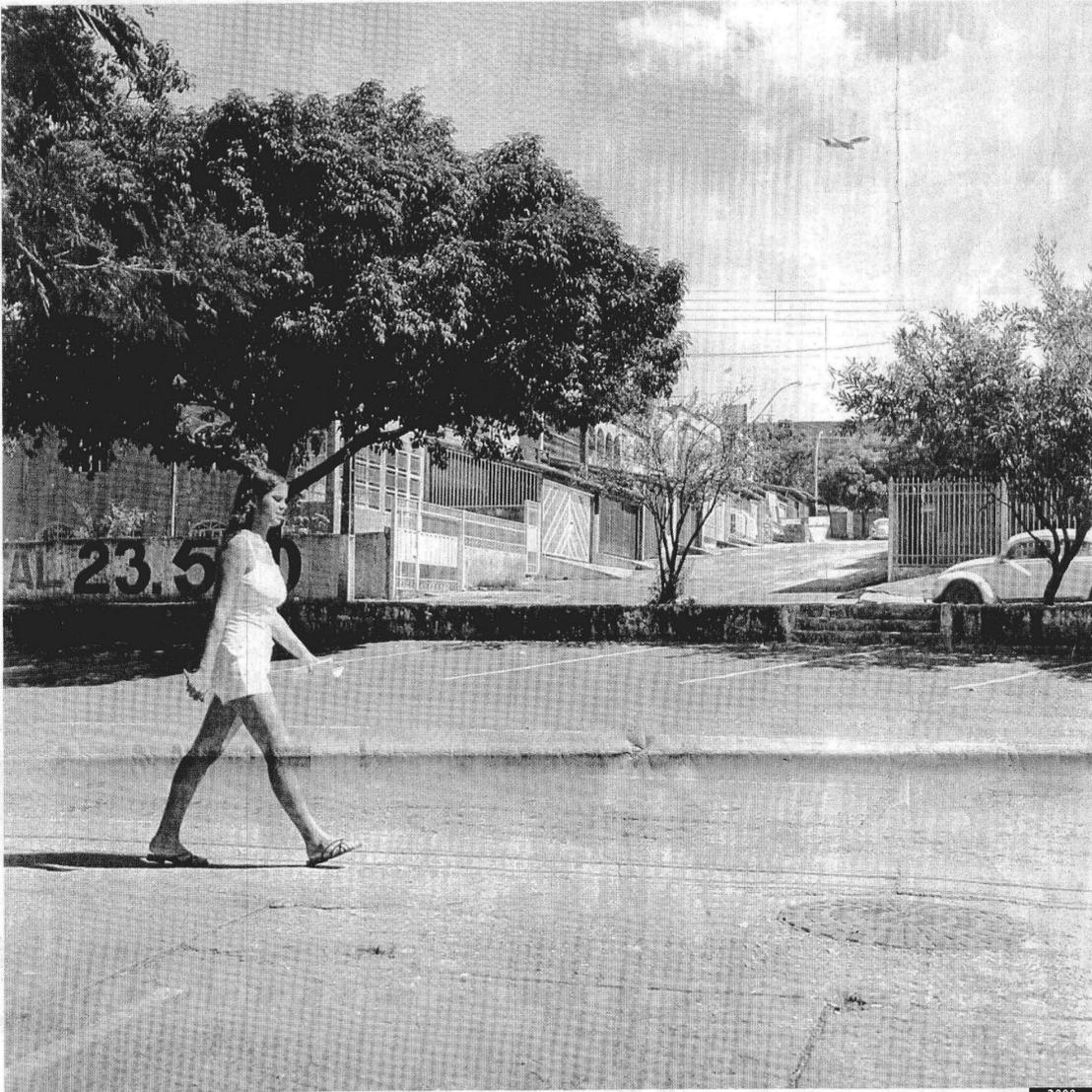
1958



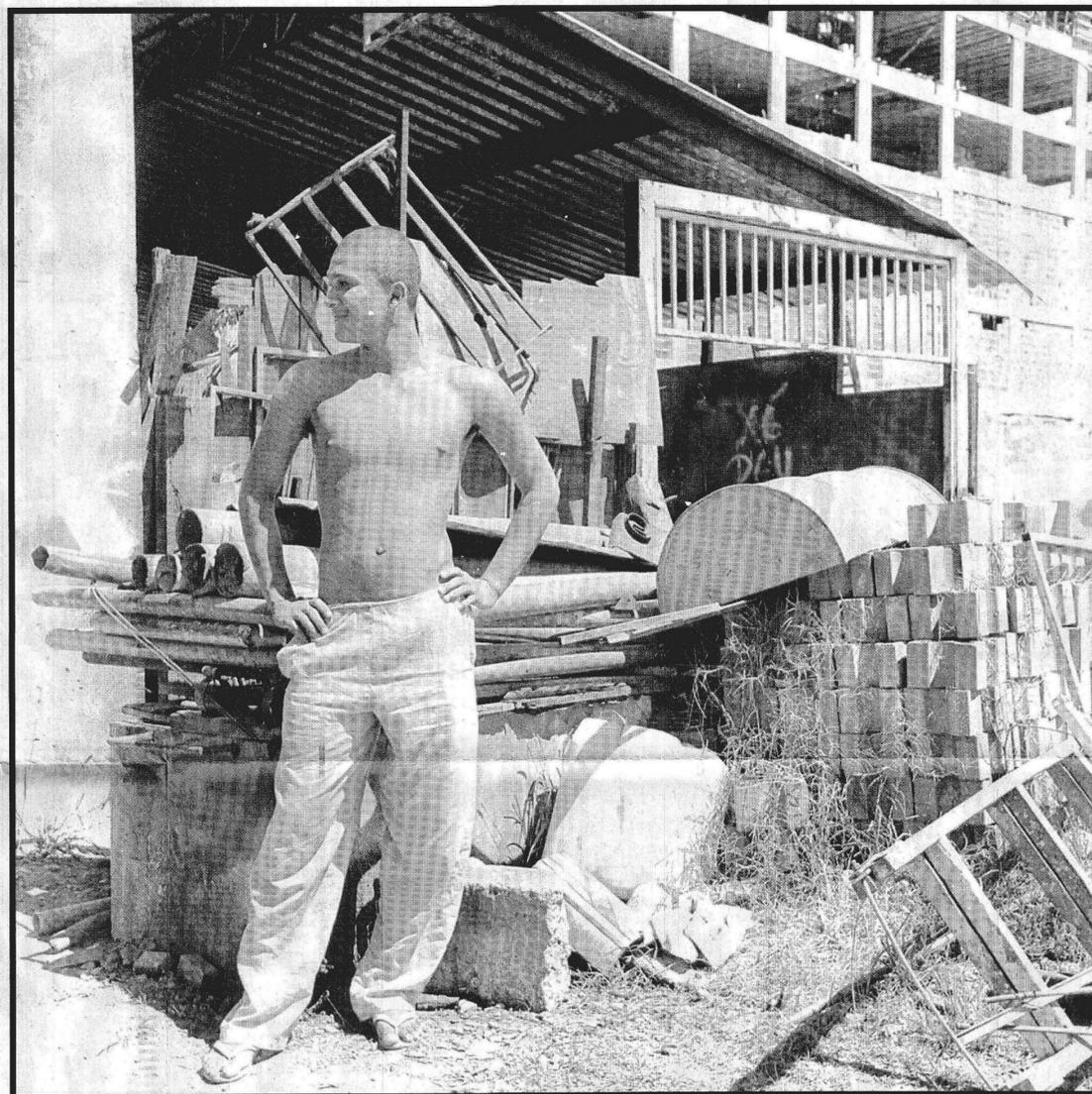
2000

# “AS PESSOAS NÃO ESTÃO MAIS CONSTRUINDO A CIDADE. AGORA, ELAS ESTÃO PREOCUPADAS EM CONSTRUIR SUAS VIDAS”

AO OLHAR A BRASÍLIA DE 1958 E A DE 2000, O FOTÓGRAFO REVELA: A CIDADE MUDOU NAS APARÊNCIAS. MAS, PARA O POVO, A VIDA CONTINUA PRATICAMENTE A MESMA



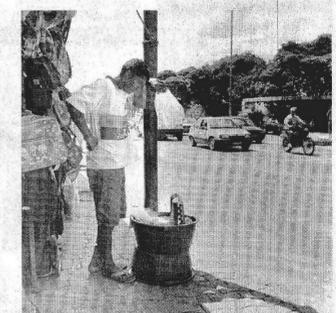
2000



2000



2000



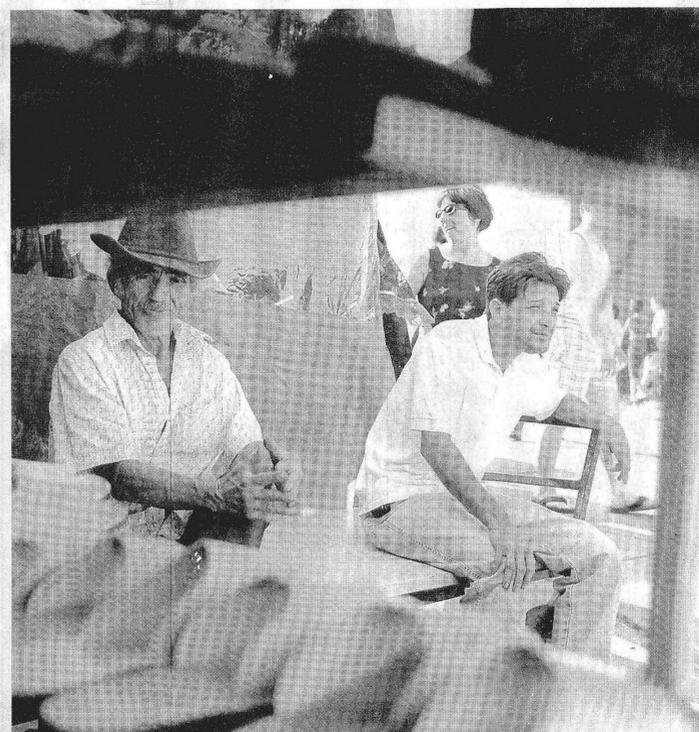
2000



1998



2000



1998

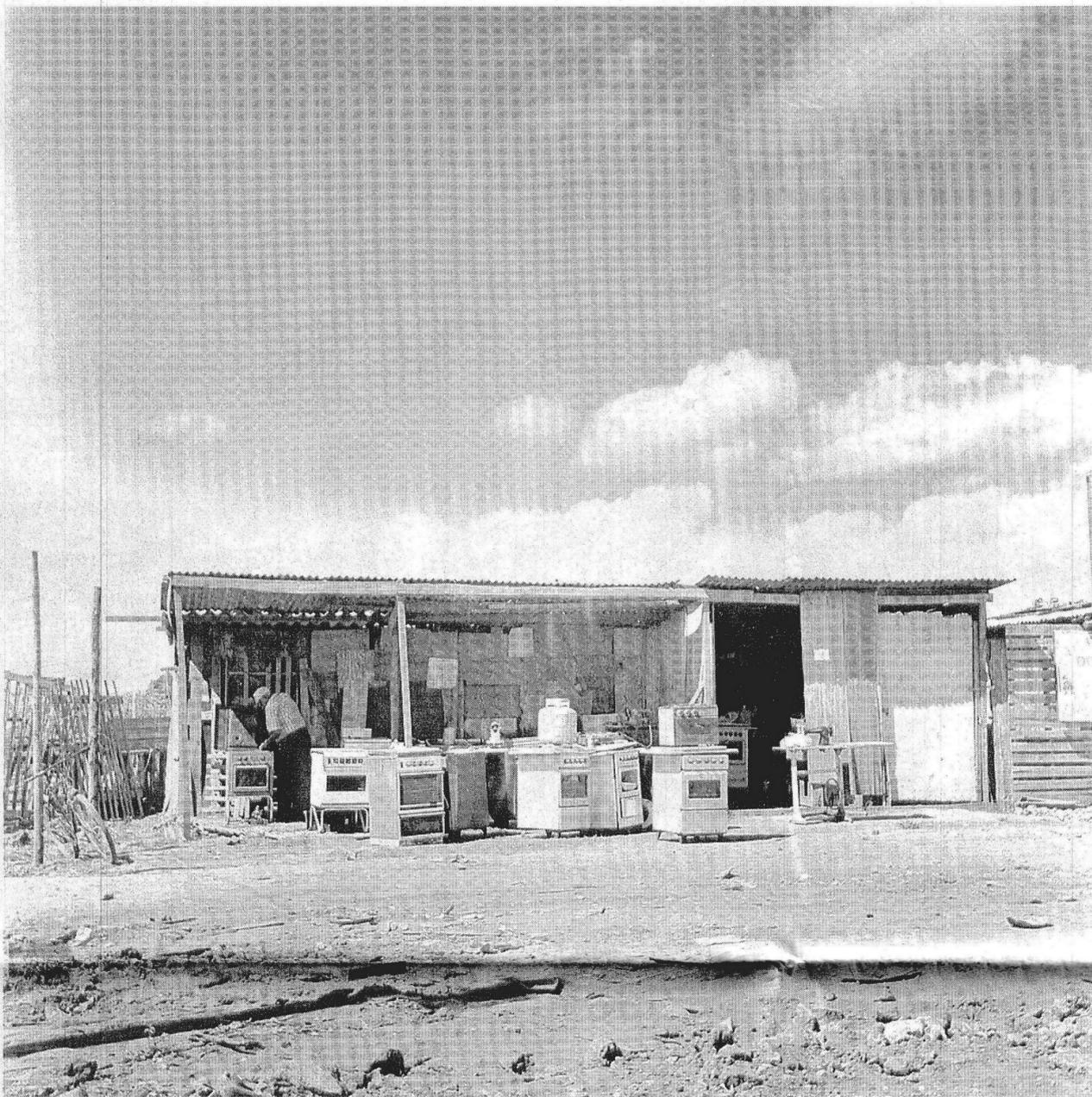


1998

“FUI TENTAR ACHAR OS LUGARES QUE FOTOGRAFEI, MAS NÃO ACHEI, TÁ TUDO CONSTRUÍDO, COMO VOU ACHAR?”

Thomaz Farkas

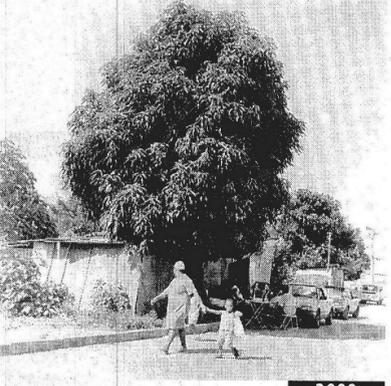
# A LUZ DE BRASÍLIA É SUAVE E TRANSPARENTE



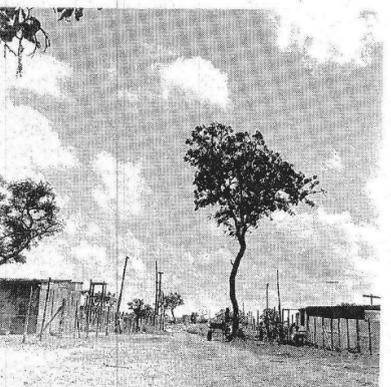
2000



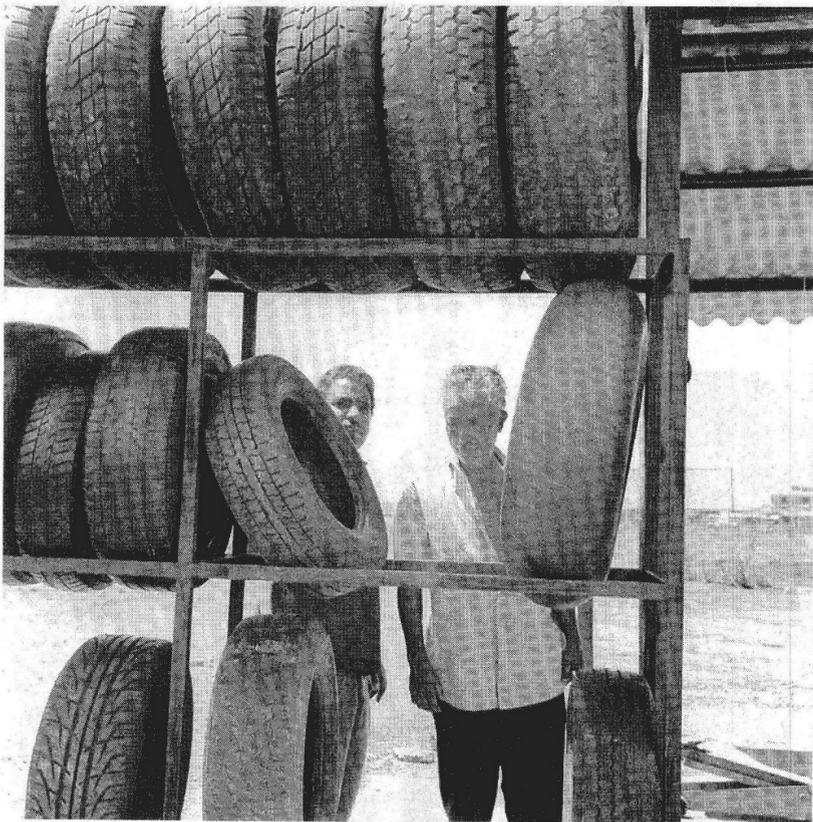
2000



2000



2000



2000

Nahima Maciel  
Da equipe do Correio

**H**á 40 anos, Thomaz Farkas esteve na nascente capital para registrar o início da construção. Por conta própria, e também por encanto, Thomaz foi cedendo aos caprichos da luz “suave”, deixando que ela desenhasse imagens de uma cidade e um povo empenhados em fazer história. Candangos e seus barracos de madeira, Juscelino inaugurando a nova cidade, um esboço de vida urbana lentamente delineado no comércio que começava a tomar forma, Thomaz olhava e apertava o botão de sua Leica. Hoje, passadas as quatro décadas, o fotógrafo voltou a brincar com a luz do Planalto Central. Nem os 75 anos cansam Thomaz. O olho continua curioso e o pescoço ainda não reclama do peso da máquina, desde que não seja muito pomposa. Ele já desistiu de carregar uma Nikon. “Não dei conta”, confessa.

A convite do *Correio Braziliense*, o fotógrafo percorreu Brasília no início do mês para buscar lugares e rostos familiares. Encontrou várias cidades dentro da capital. E reencontrou as mesmas expressões do início da construção. Expressões, ele acredita, de esperança, à espera do futuro e de algo que está por vir. “Mas agora as pessoas não estão mais construindo a cidade, estão preocupadas em construir suas vidas”, avalia. “Aqui tem um pedacinho de cada parte do país. Você tem isso em outras cidades, mas aqui é concentrado e não tem preconceito”.

Durante um final de semana, o fotógrafo saiu à procura da Brasília de 2000. Das andanças na cidade, ele trouxe as imagens publicadas nesta edição. Tentou achar lugares fotografados no primeiro ensaio, como “aquela ruazinha que sobe”, e que hoje está em algum lugar debaixo do asfalto do Núcleo Bandeirantes. “Fui tentar achar os lugares que fotografei, mas não achei, tá tudo construído, como vou achar?”, lamenta.

Ele percorreu feiras populares em Ceilândia e Núcleo Bandeirante. Deixou de lado os templos da política e foi ao encontro de quem anda na rua. Thomaz revela a maneira como entende o ato fotográfico: quanto menos o fotógrafo é notado, mais autêntica fica a imagem. “Não armo a situação, tento reproduzi-la”, justifica.

Sobre a luz de Brasília, ele fala como se fosse uma menina. “É suave, as sombras têm contraste e, como não tem poluição, é transparente”, descreve. A geografia plana e incidência direta dos raios solares não incomodam nem atrapalham a fotografia. Thomaz jura que em Brasília é possível fotografar do amanhecer ao anoitecer.

Produtor de cinema na década de 60 — para poder contar histórias que a máquina fotográfica não contava, fez mais de 33 filmes —, foi um dos primeiros a elevar a fotografia ao status de arte. Em São Paulo, além de projetar o laboratório da Fotóptica, loja herdada do pai, e criar a Galeria Fotóptica, Thomaz ficou encarregado de cuidar do

departamento de

fotografia do Museu de

Arte de São Paulo.

Na Escola de

Comunicação e Artes

(ECA) da Universidade

de São Paulo (USP), deu

aulas de fotojornalismo

e cinejornalismo. Ainda

assim, ele não se

considera fotógrafo

profissional. Nem o livro

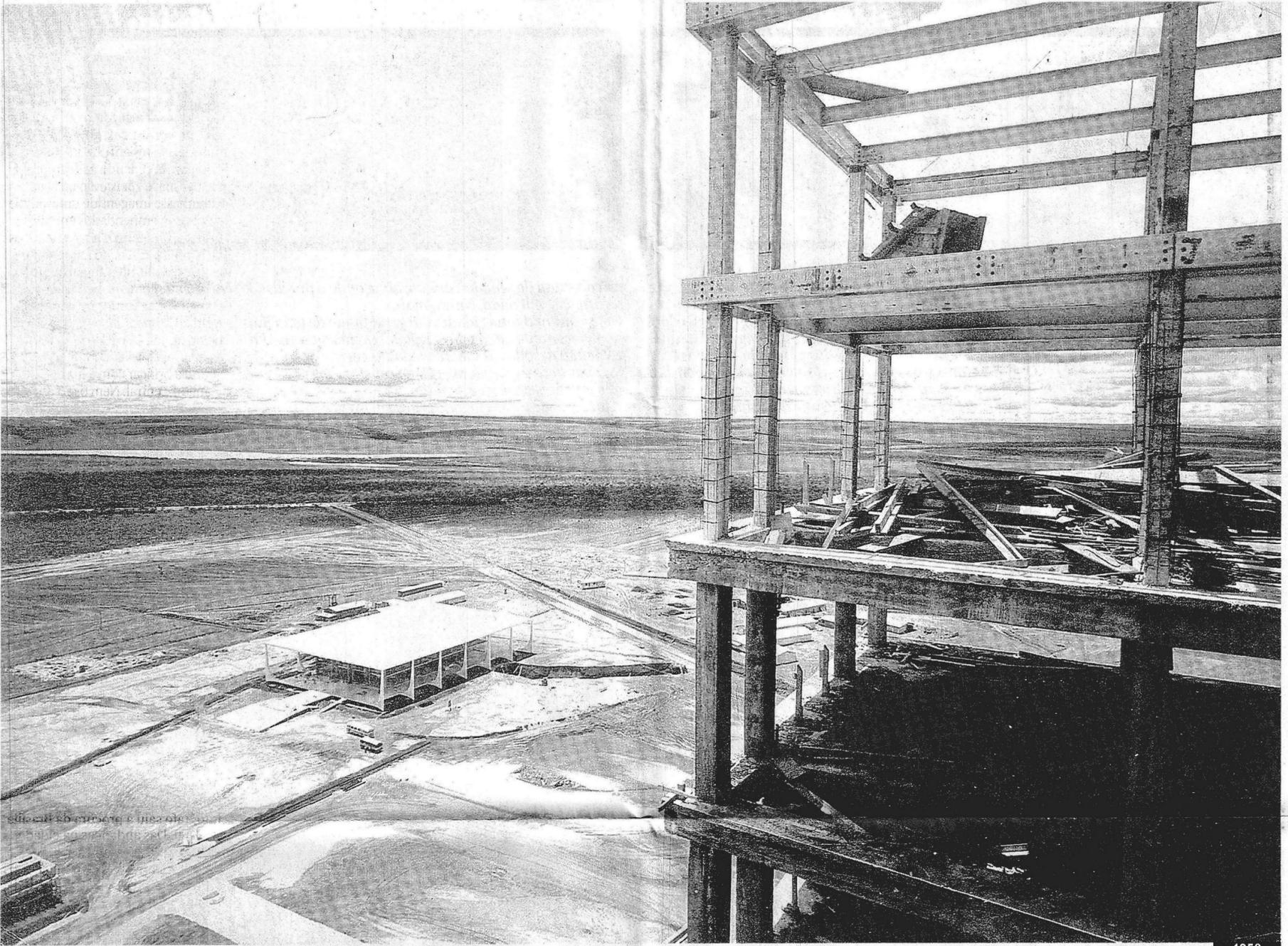
*Thomaz Farkas,*

2000

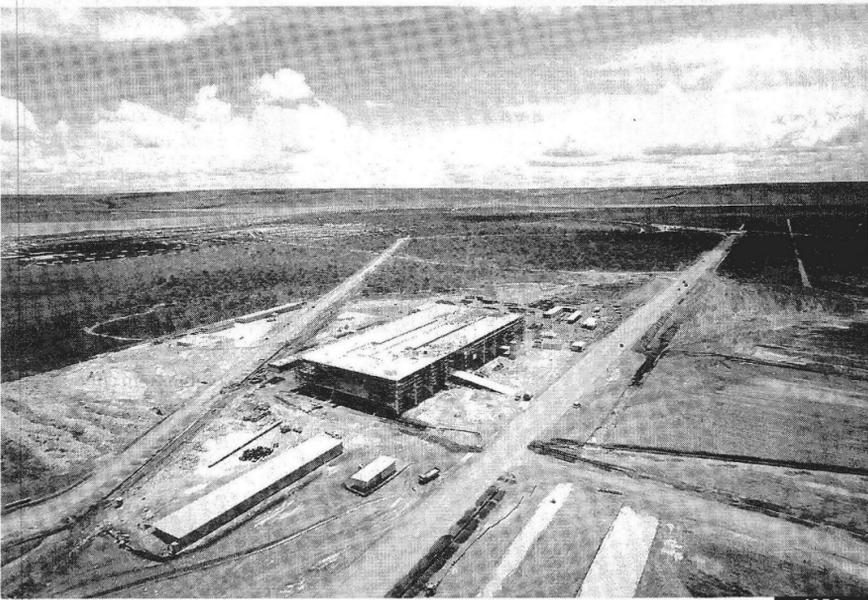


*Fotógrafo*, coletânea de 80 imagens registradas nos últimos 50 anos e lançado em 1997, o convenceu. As fotos, avisa, fez para ele mesmo. Não trabalhou em nenhuma revista ou jornal e preferiu encarar o doutorado em jornalismo cinematográfico na ECA. E quando lhe perguntam se fotografia é arte, ele joga: “Sei lá, os outros é que devem dizer. Foto é foto. Pronto.”

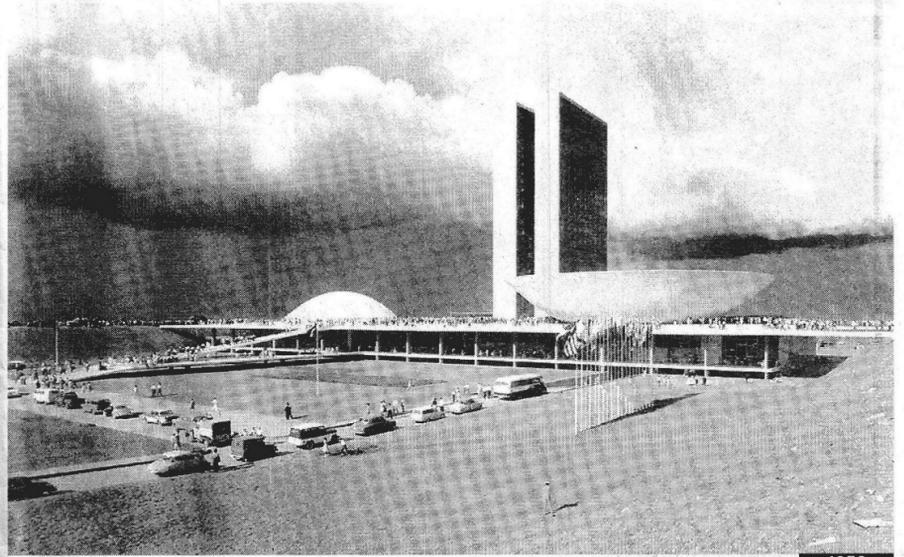
# CRIADOR DE LINGUAGENS



1958



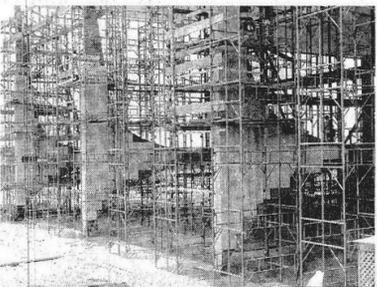
1958



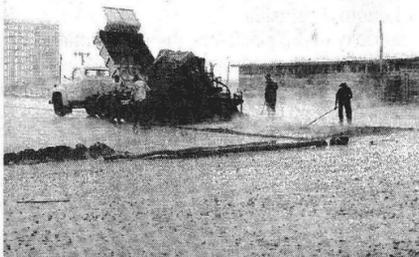
1958



1958



1958



1958

## CRISTIANO MASCARO fotógrafo

"Thomaz Farkas é, antes de tudo, uma grande figura humana. Não falo somente como amigo, mas como fotógrafo que admira seu trabalho. É um dos pioneiros da fotografia moderna brasileira. Ainda hoje me impressiona a coerência com que trabalha e a habilidade única de fixar imagens de grande expressividade"

## SIMONETA PERSICHETTI crítica de fotografia

"Thomaz Farkas e a geração de 40 foram os responsáveis pela grande transformação da linguagem fotográfica no Brasil. Ele foi um dos primeiros a romper com a tradição pictográfica na fotografia brasileira. Também foi um dos principais incentivadores desta arte no país"

## ROSELI NAKAGAWA curadora da Casa Fuji

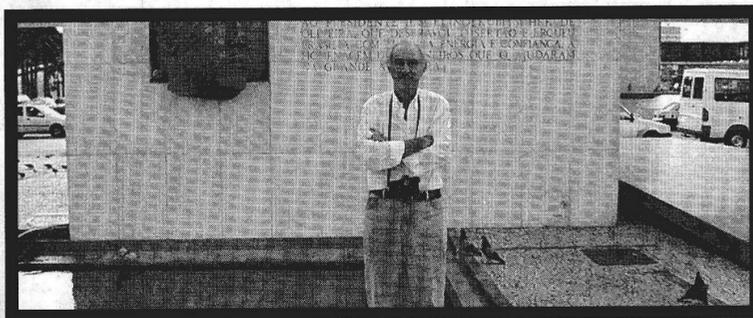
"Depois de anos de dedicação ao cinema, Thomaz volta à fotografia, retomando sua carreira exemplar. E isso não poderia ter acontecido em melhor hora. Se no cinema, seus filmes possuem um conteúdo documental, na fotografia, temos um exercício de linguagem poética"

## LUIS HUMBERTO arquiteto, professor e fotógrafo

"No cenário da imagem brasileira, Thomas Farkas não se destaca apenas pela qualidade do trabalho como fotógrafo. Ele também teve papel fundamental na década de 60, ao financiar uma série de documentários sobre o Brasil. Sempre tranqüilo e bem-humorado, Thomaz é um sustentador das imagens que falam a nossa língua"

THOMAZ FARKAS  
DOIS TEMPOS

# O OLHO GENEROSO VÊ BRASÍLIA



*Acompanho Brasília desde a sua concepção. Um dos arquitetos que concorreram com projeto para a Nova Capital é meu amigo Jorge Wilhelm. Com ele acompanhei, fotografando, visitando as obras várias vezes. O entusiasmo dos candangos-construtores me contagiou. Fixei suas casas, os "núcleos bandeirantes", suas caras. Segui os trabalhos até a inauguração de Brasília. Percebi, emocionado, a felicidade que provocava o final da construção, uma grande festa popular, todos participando, percorrendo as obras, indo até as janelas do palácio, subindo*

*na cobertura do senado-câmara, abraçando o presidente, sem segurança, sem nada. Nunca mais... Hoje, continua uma cidade com gente vindo de todo Brasil, sem preconceito de cor, raça, região, religião ou sexo. Um caldeirão de todos os sabores, todas as cores. Sua natureza é grande, aberta, e o céu de todas as cores parece um mar sem fim. A luz é mágica, especial para fotos em preto e branco. Afeiçoei-me à cidade e as fotos que fiz contêm um pouco da minha alma e do meu coração.*



Cláudio Versiani  
Da equipe do *Correio*

Húngaro de Budapeste, nascido em 1924, Thomaz Farkas começou fotografando gatos e amigos. O avô tinha uma loja de foto e ótica na Hungria. O pai fundou a primeira loja de fotografia de São Paulo, a Fotóptica. Três filhos: João, fotojornalista; Pedro, fotógrafo de cinema e Kiko, designer. Só a filha, Bia, escapou: é pedagoga. A neta estuda cinema — pode-se dizer que há cinco gerações os Farkas vivem de olhar. E Thomaz tem a sabedoria de uma vida bem vivida. Fotógrafo e cineasta, ele gosta de olhar gente. É privilégio ver através de suas lentes. Farkas é um apaixonado pelo Brasil. Acho que nasceu na Hungria por engano: poderia ter sido na Cidade Livre ou Vila Planalto. Thomaz enxerga Brasília como poucos. Quando começou a

fotografar a construção lá pelos idos de 1958, a arquitetura monumental da cidade não o impressionou tanto. Preferiu fotografar os candangos. "Fotografei as pessoas construindo a cidade. Agora, 40 anos depois, estava interessado em ver as pessoas construindo suas casas, suas vidas". Nos anos 60, esse interesse nas pessoas lhe custando uma prisão. "Não fui torturado, mas vi coisas horríveis", conta ele. Foi acusado pela ditadura de vender binóculos militares. Queria mostrar o Brasil para os brasileiros, mas havia muita miséria e ninguém quis saber de meus filmes. O governo não gostou e foi considerado "de esquerda". Mas viajou pelo país e fez 38 documentários. Thomaz fotografa com sabedoria e generosidade. Por isso, é necessário ver com calma. Difícil saber quais são as fotos de 1958 e quais são as de 98 ou 2000. É fundamental prestar atenção para

descobrir o que move Thomaz Farkas. Suas fotos são intrigantes, às vezes descortantes. Íntimas, as pessoas se mostram para Thomaz. "Este é o pulo do gato, gente! É uma delícia fotografar o povo. O Brasil é tão fantástico, e isso se reflete na imagem, cinema ou foto. A minha visão é centrada na verdade". Ele continua: "Gosto de gente, como vivem e o que fazem. A imagem é o que me liga com o mundo, com a realidade. O Brasil ainda vai ser descoberto e isso vai partir daqui de Brasília." Fotografando com Rolleiflex (negativo de formato quadrado 6 x 6) e uma pequena Leica, Farkas deixa seus fotografados à vontade. A maioria das fotos do ensaio que o *Correio* publica hoje foram feitas com a Rollei, de formato "caixão": olha-se para dentro da máquina, cabeça abaixada, nunca para o fotografado. "Não se mira, não se agride, lente curta, os mundos do fotógrafo e do

fotografado quase não se tocam", ensina ele. "A luz de Brasília é incrível. O horizonte onipresente, e a cor do céu fantástica", diz Thomaz, que só fotografa em branco e preto. E registra gente mais simples, rostos onde possa encontrar alegria e esperança. Quando está em Brasília, Thomaz está encantado. O mesmo sentimento de quando navega no mar de Parati, um de seus hobbies prediletos. Ver as fotos de Brasília de Thomaz Farkas é, um pouco, decifrar a cidade. No aniversário da capital, o *Correio Braziliense* tem a honra de apresentar as fotos de Thomaz Farkas, esse húngaro-brasileiro de 75 anos que tão bem decifrou Brasília. Thomas e Brasília se conhecem e se merecem. Última pergunta: "Se fotografia é arte? Sei lá! O fotógrafo tem que fotografar e pronto". Brasília agradece.